

SENTIDOS E SIGNIFICADOS DA COMUNICAÇÃO EM SAÚDE SOBRE A PREP:

uma análise dos discursos acadêmicos e da rede social X™

Gabriel da Silva Brito¹

Universidade de São Paulo

Lucas Tadeu Queiroga de Souza²

Universidade de São Paulo

Fernanda Evangelista Bandeira de Melo³

Universidade de São Paulo

Resumo

Este artigo examina a circulação de sentidos sobre a Profilaxia Pré-Exposição ao HIV (PrEP) nos discursos acadêmicos da comunicação em saúde e nas narrativas da rede social X™ (antigo Twitter). Acorado na distinção entre sentido e significado de Lev Vygotsky, parte da premissa de que a PrEP, incorporada ao Sistema Único de Saúde (SUS) desde 2017, opera simultaneamente como tecnologia biomédica e como artefato discursivo atravessado por disputas morais, afetivas e políticas. A pesquisa articula revisão integrativa de estudos publicados entre 2017 e 2025 (SciELO e *Scopus*) e análise qualitativa de postagens públicas no X™. Os resultados evidenciam uma tensão entre a estabilização técnico-científica dos significados e a produção digital de sentidos plurais, marcados por estigmatização, reinscrições identitárias e contradiscursos comunitários. Argumenta-se que a comunicação em saúde configura um campo de governamentalidade e produção de subjetividades, exigindo abordagens sensíveis às dinâmicas de circulação simbólica e às desigualdades que estruturam o acesso ao cuidado.

Palavras-chave

PrEP; Comunicação em saúde; Sentido e significado; Redes sociais.

¹ Mestre em Educação. g.brito@usp.br. <https://orcid.org/0000-0003-0947-8855>

² Graduando em Saúde Pública. lucasqueiroga@usp.br. <https://orcid.org/0009-0005-5299-7820>

³ Mestre em Ciências. fernandaevangelista@usp.br. <https://orcid.org/0000-0001-7592-0301>



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos, desde que a obra original seja devidamente citada.

Introdução

De acordo com o relatório “O caminho que põe fim à Aids”, publicado em 2023 pelo Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/Aids (UNAIDS), o acesso ampliado ao tratamento antirretroviral evitou cerca de 20,8 milhões de mortes relacionadas à Aids nas últimas três décadas. Em escala global, os dados indicam que, em 2022, aproximadamente 71% das pessoas vivendo com HIV apresentavam carga viral suprimida, percentual que chega a 76% entre mulheres e 67% entre homens. A supressão viral é um marcador clínico essencial, pois permite às pessoas que vivem com HIV/Aids uma vida saudável e elimina o risco de transmissão sexual do vírus.

O relatório também destaca que as estratégias de prevenção têm maior eficácia quando orientadas por prioridades de saúde pública. A ampliação do uso da profilaxia pré-exposição (PrEP) na América Latina é um exemplo: desde 2021, o número de usuários de PrEP aumentou em mais de 55%. Em 2022, dez países da região já ofereciam essa modalidade preventiva às populações-chave. Esses dados evidenciam o impacto positivo de políticas públicas comprometidas com a prevenção combinada e com a redução das infecções pelo vírus do HIV.

Entretanto, a persistência de desigualdades estruturais compromete o alcance universal dessas políticas. O mesmo relatório da UNAIDS (2023, p. 10) adverte que “barreiras, incluindo uma lacuna de financiamento crescente, impedem um progresso mais rápido”. Em contextos marcados por desigualdades interseccionais - em que raça, gênero, classe social e orientação sexual se entrelaçam -, muitas pessoas continuam excluídas do acesso integral aos serviços de saúde. Isso evidencia a urgência de políticas públicas mais equitativas.

Além dessas limitações estruturais, fatores como a desinformação e o estigma social associado ao HIV constituem barreiras adicionais à ampliação do uso da PrEP no Brasil. Ainda assim, experiências locais apontam para resultados promissores. No município de São Paulo, responsável por cerca de 25% dos usuários de PrEP cadastrados no sistema do Ministério da Saúde (Brasil, 2026), foram registrados avanços significativos nas políticas de prevenção. Segundo dados divulgados pelo Boletim Epidemiológico de HIV/Aids da cidade de São Paulo (2026), entre 2016 e 2025, as novas infecções por HIV na capital paulista foram reduzidas em 56%, sendo a PrEP um dos principais fatores desse resultado. Tal experiência reforça a

importância de políticas públicas territorializadas, sustentadas por ações de educação, enfrentamento do estigma e acesso contínuo à prevenção.

Nesse sentido, é necessário (re)pensar a comunicação em saúde como campo estratégico na mediação entre políticas, práticas e populações. No entanto, essa comunicação é frequentemente instrumentalizada por lógicas unidirecionais e normativas. Ao invés de se constituir como espaço de escuta e co-construção de sentidos, a comunicação muitas vezes opera como um dispositivo de regulação comportamental, pautado por estruturas moralistas, conservadoras e pouco dialógicas com a constituição de uma identidade nacional plural, marcada por desigualdades históricas e relações de poder.

Tal instrumentalização contribui para a operacionalização da necropolítica, conforme elaborado por Mbembe (2018). Nesse sentido, as estratégias comunicacionais sobre a PrEP não se limitam a informar: elas evidenciam quais vidas são consideradas dignas de cuidado, a partir da definição daqueles que podem viver e aqueles que devem morrer (Mombaça, 2019). A análise do discurso acadêmico e das interações na rede social XTM⁴ mostram disputas simbólicas e políticas em torno do acesso efetivo à prevenção, que reafirmam a gestão seletiva da vida e da morte no campo da saúde pública. Embora provenientes de tradições teóricas distintas, esses autores são mobilizados aqui como ferramentas analíticas complementares para compreender a dimensão simbólica e política da comunicação em saúde.

Soma-se a isso a tendência à individualização das práticas de saúde sexual, centradas no uso biomédico da PrEP como um “comprimido salvador”, reduzindo a prevenção à sua dimensão farmacológica e colocando em segundo plano a complexidade dos encontros sexuais, os contextos afetivos e os sentidos diversos do sexo e do prazer. Nesse modelo, outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) são muitas vezes relativizadas por serem “curáveis”, partindo de uma hierarquia que valora mais negativamente os agravos que não têm cura, enquanto o HIV permanece como marcador de estigma e pânico moral. Ao priorizar o controle

⁴ O XTM (anteriormente denominado Twitter, rebatizada em 2023 sob a gestão da X Corp.) é uma plataforma de *microblogging* pautada na disseminação rápida de mensagens curtas e interações em tempo real. Sua arquitetura baseia-se em conexões de rede assimétricas (interações não recíprocas) e distribuição algorítmica. Pode ser validada como fonte de dados em tempo real para a infodemiologia, vigilância em saúde pública e análise de estigmas e sociabilidade em rede como um *locus* central, permitindo o monitoramento do debate público institucional, a análise de afetações e a investigação de dinâmicas sociopolíticas contemporâneas, tais como a propagação de desinformação e a negociação de estigmas em rede (Sinnenberg *et al.*, 2017).

biomédico da infecção, tais abordagens podem reforçar o sofrimento das populações consideradas “chave” pelas políticas públicas, que acabam sendo tratadas como objetos de intervenção, e não como sujeitos ativos na construção das estratégias de cuidado.

O uso da PrEP, muitas vezes encarado como uma responsabilidade individual, carece de uma abordagem que valorize a dimensão coletiva, dialógica e participativa da saúde sexual. Essa lacuna contrasta com os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), que preconiza a construção social do cuidado em saúde por meio da participação popular e do respeito à diversidade dos sujeitos.

O que falta, portanto, é o reconhecimento da linguagem como mediação viva, histórica e coletiva entre sujeitos e mundo e, por extensão, entre sujeitos e o cuidado que lhes é devido. Na negligência desse aspecto, pelo Estado e SUS, há não apenas falhas na promoção de saúde, mas o comprometimento da efetivação de um projeto democrático e universal de cuidado. Como destaca Akerman (2009, p. 9), “nada como conhecer o passado para atuar no presente e produzir o futuro”; isso implica em compreender que nada surge por acaso, e que o contexto histórico importa na forma como a saúde, prevenção e cuidado são produzidos.

Nesse cenário, coexistem e se tensionam forças distintas: de um lado, a persistência da racionalidade médico-hegemônica, da biopolítica e das forças de mercado, que incidem nos corpos e nos modos de viver e existir, moldando subjetividades a partir de normas e tecnologias de controle; de outro, os dispositivos e políticas que, embora pressionados por essas lógicas, buscam ampliar o conceito de saúde e afirmar o cuidado em liberdade frente aos sofrimentos psíquicos e sociais (Feuerwerker; Merhy, 2021).

Reconhecer esses tensionamentos é essencial para vislumbrar caminhos possíveis, que passem pela escuta, pela valorização da experiência vivida, pela construção coletiva de sentidos e pelo enfrentamento das violências simbólicas que continuam a operar nos discursos e práticas em saúde. É nesse entrelugar que se abre a urgência de (re)pensar a comunicação em saúde não como uma ferramenta de adesão, mas como campo de disputa, produção de subjetividades e afirmação da vida.

Sentidos e significados

Com o objetivo de compreender como se configuram os sentidos e significados nos discursos acadêmicos sobre a comunicação em saúde relacionada à PrEP, e em que medida esses discursos se aproximam ou se distanciam das narrativas produzidas sobre o mesmo tema no XTM (antigo Twitter), recorre-se, neste primeiro momento, à formulação de Vygotsky (1934/2000, p. 465) sobre a relação entre “sentido” e “significado”. O autor conceitua o primeiro como:

o sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata.

A concepção do autor oferece uma chave poderosa para refletir sobre os modos como a linguagem opera na produção de sentidos, especialmente em contextos como a comunicação em saúde. Ao afirmar que “o sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência”, Vygotsky (1934/2001, p. 465) destaca que o sentido não é algo fixo, mas sim uma construção subjetiva socialmente mediada, atravessada por experiências individuais, afetos, memórias, e pelo contexto histórico e social de quem enuncia e de quem escuta.

A partir disso, o autor distingue o sentido como uma formação dinâmica, fluida e complexa, composta por múltiplas camadas e zonas de variação, enquanto o significado é apenas uma dessas zonas, a mais estável, padronizada e compartilhada. Ou seja, o significado corresponde a um nível mais convencional e lexical da linguagem, ligado à definição normativa, ao passo que o sentido emerge das relações entre palavra, contexto e subjetividade.

Como bem sublinha Vygotsky (1934/2000, p. 465).

em contextos diferentes a palavra muda facilmente de sentido. O significado, ao contrário, é um ponto imóvel e imutável que permanece estável em todas as mudanças de sentido da palavra em diferentes contextos. Foi essa mudança de sentido que conseguimos estabelecer como fato fundamental na análise semântica da linguagem.

Vygotsky nos leva ao cerne de sua abordagem histórico-cultural da linguagem, em que ele destaca a distinção fundamental entre “palavra”, “sentido” e “significado”,

três conceitos que ele trabalha com rigor para compreender os processos de desenvolvimento do pensamento e da linguagem. A análise proposta nessa passagem mostra uma sofisticação semântica importante: a palavra é vista como algo flexível, cuja forma verbal pode assumir diferentes sentidos conforme o contexto em que está inserida. Em contraste, o significado é apresentado como um ponto estável, uma espécie de núcleo conceitual relativamente estabilizado no interior de uma comunidade linguística, que permanece ao longo das diversas manifestações contextuais da palavra.

Ao afirmar que a mudança de sentido é um “fato fundamental” na análise semântica da linguagem, Vygotsky (2000) está nos convidando a afastar-se de uma concepção formalista da linguagem que a reduz à estrutura estável dos signos, e a compreender que o uso da palavra está sempre carregado de intencionalidade, afetividade e contexto histórico-social. Isso é especialmente importante em seu projeto de compreender como a linguagem organiza o pensamento humano e como esse pensamento se transforma no decorrer do desenvolvimento.

Essa diferenciação, das relações entre palavra, contexto e subjetividade, é particularmente relevante para análises que envolvem disputas discursivas, como no caso das narrativas sobre a PrEP. Enquanto o discurso acadêmico tende a operar em torno de significados mais estáveis, ancorados em consensos científicos, técnicos e institucionais, as narrativas nas redes sociais como o XTM mobilizam sentidos mais plurais, afetivos e mutáveis, conforme os atravessamentos políticos, culturais e subjetivos dos sujeitos que interagem naquele espaço.

Portanto, essa formulação de Vygotsky permite compreender que os discursos não apenas “informam”, mas produzem mundos possíveis a partir das múltiplas zonas de sentido que uma palavra ou conceito pode assumir, dependendo do lugar social e do afeto de onde é enunciada. No campo da comunicação em saúde, isso implica reconhecer que os efeitos dos discursos vão muito além da transmissão objetiva de informações: eles mobilizam sentidos que podem acolher, excluir, aproximar ou repelir sujeitos em relação a práticas de cuidado, como o uso da PrEP.

Nessa direção, a escolha por mobilizar a distinção vygotskyana entre sentido e significado está vinculada ao interesse desta pesquisa em apreender a dimensão dinâmica e relacional da linguagem. Embora diferentes tradições teóricas tenham contribuído de forma decisiva para a análise dos discursos no campo da saúde, o

enfoque adotado aqui privilegia a investigação das variações semânticas, afetivas e contextuais que emergem na circulação da PrEP entre o campo acadêmico e a rede social X™. Trata-se, portanto, menos de descrever as condições de possibilidade dos enunciados e mais de compreender como determinados termos e narrativas são investidos de sentidos plurais, por vezes tensionados, conforme os contextos e os sujeitos que os mobilizam.

Diante dessa complexidade discursiva e de seus efeitos nos modos de engajamento com a saúde, torna-se relevante investigar como diferentes espaços de produção de sentido lidam com o tema. Assim, a presente pesquisa busca responder à seguinte questão: de que maneira o conhecimento científico acerca das estratégias comunicacionais relacionadas à PrEP se relaciona com o discurso produzido na rede social X™ (antigo Twitter)?

Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem metodológica qualitativa composta por duas etapas complementares: uma revisão integrativa da literatura científica nas plataformas *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e *Scopus*, visando mapear como a comunicação sobre a PrEP é abordada no campo acadêmico; e uma análise de narrativas produzidas no X™, com o objetivo de compreender como esse tema circula nas mídias sociais.

A escolha das bases SciELO e *Scopus* fundamenta-se na complementaridade que oferecem. Enquanto a SciELO privilegia a produção acadêmica da América Latina, ampliando vozes e perspectivas locais, a *Scopus* assegura abrangência internacional e acesso a estudos de alto impacto. Essa combinação fortalece a pluralidade epistêmica e a robustez analítica da revisão.

A etapa de levantamento bibliográfico foi conduzida por meio de buscas sistematizadas nas bases SciELO e *Scopus*. Foram adotados critérios de inclusão que contemplaram produções acadêmicas em português, publicadas entre 2017 e 2025, marco temporal que reflete a incorporação da PrEP pelo SUS no Brasil. Compuseram o corpus artigos que abordam a comunicação em saúde no contexto da PrEP, incluindo discussões teóricas, análises discursivas, campanhas institucionais e estratégias comunicacionais voltadas ao HIV e à prevenção.

Foram excluídas da análise produções que tratassem da PrEP exclusivamente sob uma perspectiva biomédica, sem articulação com aspectos comunicacionais. Também foram desconsiderados trabalhos que mencionasse a PrEP de forma tangencial, sem aprofundamento teórico ou analítico em comunicação em saúde, literatura cinzenta, além de textos não disponíveis integralmente para leitura.

O levantamento inicial foi realizado nas bases de dados SciELO e Scopus, utilizando os seguintes descritores: (“PrEP” OR “Profilaxia Pré-Exposição” OR “*Pre-Exposure Prophylaxis*”) AND (“Comunicação em Saúde” OR “Comunicação” OR “*Health Communication*” OR “*Communication*”) AND (“HSH” OR “Homens que fazem sexo com homens” OR “MSM” OR “*Men who have sex with men*”). A busca na base SciELO resultou em um primeiro momento, 11 produções, e depois de aplicar os filtros de ano de publicação e idioma: português, restaram 3 produções, enquanto na Scopus, a pesquisa aconteceu em todos os campos (*All fields*) e foram encontrados em um primeiro momento, 3,976 produções, e depois de aplicar os filtros de ano de publicação e idioma limitado ao português, restaram 25 resultados.

Após a coleta, todas as produções foram organizadas na plataforma *Rayyan* (Ouzzani, et al, 2016), que foi utilizada para a triagem sistemática, análise de relevância e identificação de duplicidades. Ao todo, foram inseridas 28 produções na plataforma. Com isso, 28 produções foram mantidas para as etapas seguintes de leitura de título, resumo, palavras-chave e tópicos. Após a triagem, 12 produções foram mantidas para as etapas seguintes de leitura criteriosa, categorização e análise de conteúdo.

Em segundo momento, utilizamos como fonte de dados, postagens e comentários feitos por usuários do X™ em publicações sobre PrEP e HIV, considerando aspectos éticos de anonimização dos dados e não divulgação dos perfis das pessoas. A coleta foi realizada em 2025, durante a fase de elaboração do artigo, com caráter retrospectivo, abrangendo publicações realizadas entre 2017 e 2025. Diante dos objetivos da pesquisa, optou-se pela coleta de dados em redes sociais digitais, compreendidas como espaços profícuos para a investigação de discursos individuais e coletivos, representações sociais e interações complexas, constituídas a partir de uma realidade social localizada e historicamente determinada (Martins, 2020).

Para a definição dos descritores utilizados na busca dos dados, optou-se por uma estratégia exploratória inicial, que consistiu na leitura prévia de publicações na rede social X™. Essa etapa permitiu a identificação de termos ênicos, ou seja, expressões utilizadas pelos próprios sujeitos pertencentes ao grupo social investigado, entre os quais se destacou o uso recorrente do termo “viado”. A adoção desse termo como descritor fundamenta-se, portanto, na sua emergência a partir do próprio campo empírico, respeitando a linguagem nativa e os modos de enunciação presentes nas interações analisadas.

Após essa etapa preliminar, foram definidos três descritores principais: “prep”, “viado” e “gay”, os quais nortearam as buscas realizadas diretamente na plataforma, utilizando-se o próprio algoritmo da rede social para localizar tuítes com diferentes abordagens acerca do uso da PrEP. A seleção do material, reconhece, nesse contexto, que a internet não apenas reflete, mas também constitui práticas sociais, exigindo, portanto, a adoção de abordagens metodológicas inovadoras que possibilitem novas formas de observação e análise (Halavais, 2011).

Nesse sentido, foram considerados apenas tuítes em português, com ao menos cinco interações (curtidas, respostas ou compartilhamentos), que abordassem direta ou indiretamente o uso da PrEP, estigmas, práticas sexuais e/ou políticas públicas de saúde. Postagens automatizadas, repetidas ou desvinculadas da temática foram excluídas, permitindo a observação de posicionamentos, controvérsias e tensionamentos discursivos. Ao final da triagem, nove postagens (incluindo seus comentários) compuseram o corpus. A definição desse número seguiu o princípio da saturação teórica, considerada alcançada quando novas postagens não acrescentavam categorias analíticas relevantes para a interpretação dos sentidos mobilizados nas narrativas analisadas. Os critérios de exclusão foram estabelecidos com base na ausência de relação com a temática, duplicidade de conteúdo ou perfis automatizados (*bots*); tuítes que estavam fora do recorte temporal previamente estabelecido (2017-2025) e, publicações com linguagem ininteligível, ou sem relação substantiva com o objeto da pesquisa.

A representatividade da amostra baseou-se na pluralidade dos sujeitos enunciadorees (usuários comuns, influenciadores digitais, profissionais de saúde, ativistas), nas diversas formas de posicionamento (apoio, ironia, crítica,

desinformação, orgulho, moralização), e na recorrência de temas como responsabilidade individual, prazer, vergonha, pertencimento e necropolítica.

Ressalta-se que, dada a natureza dinâmica e algorítmica das redes sociais, não se trata de uma amostragem estatística, mas sim teórica, em consonância com os princípios da pesquisa qualitativa, priorizando a riqueza interpretativa e a complexidade dos sentidos mobilizados nos enunciados. Além disso, reconhecem-se as limitações do método, como o viés algorítmico da plataforma, a impossibilidade de verificação da identidade real dos perfis e o caráter efêmero de parte do conteúdo analisado, que pode ser editado ou excluído pelos próprios usuários.

Resultados e discussões

A partir do levantamento bibliográfico e da análise das narrativas em redes sociais, emergiram quatro categorias analíticas que organizam as principais tensões discursivas em torno da PrEP: (1) Comunicação Estratégica e Políticas Públicas; (2) Percepções, Saberes e Lacunas; (3) Práticas Comunicativas e Redes de Sociabilidade; e (4) Estigmas, Narrativas e Representações.

Tabela 1 - Produções SciELO e Scopus (2017-2025)

Categoria de Análise	Autores	Revista	Foco principal
I. Comunicação estratégicas e políticas públicas: entre silêncios institucionais e iniciativas pontuais			
Incorporação da PrEP no Brasil segundo a Teoria Fundamentada em Dados	CASTRO, C. DE G. <i>et al.</i>	Physis: Revista de Saúde Coletiva	
Effect of mobile application use on knowledge about human immunodeficiency virus among university students	SOARES, Y. K. DA C. <i>et al.</i>	Physis: Revista de Saúde Coletiva	Incorporação da PrEP no SUS; comunicação estatal; ausência de continuidade em campanhas; limitações de políticas públicas
Aids em cartazes: representações sobre sexualidade e	LERMEN, H. S. <i>et al.</i>	Interface: Comunicação, Saúde, Educação	-

prevenção da
Aids nas
campanhas de 1º
de dezembro no
Brasil (2013-
2017)

Prevenção do
HIV/Aids em
municípios da
Baixada
Fluminense, Rio
de Janeiro,
Brasil: hiatos
entre a política
global atual e as
respostas locais

MONTEIRO, S.;
BRIGEIRO, M.

Interface -
Comunicação,
Saúde,
Educação

II. **Percepções, saberes e lacunas:** o conhecimento sobre a PrEP
como marcador de exclusão

HIV/Aids
knowledge
among MSM in
Brazil: a
challenge for
public policies

GUIMARÃES,
M. D. C. *et al.*

Revista
Brasileira de
Epidemiologia

Sorofobia
relacionada ao
HIV e à Aids: o
que se debate
nas redes sociais
digitais no Brasil?

JOAQUIM, J.
DE S. *et al.*

Ciência & Saúde
Coletiva

Factors
associated with
university
students' knowled
ge about HIV and
pre- and post-
exposure
prophylaxis

LIMA, A. L. S. *et al.*

Revista
Brasileira de
Enfermagem

Conhecimento
limitado;
ausência de
continuidade em
campanhas;
limitações de
políticas
públicas

Uso
inconsistente del
preservativo
masculino en
hombres VIH
negativos que
tienen sexo con
hombres

SOUSA, L. R.
M. *et al.*

Revista Latino-
Americana de
Enfermagem

III. **Prática comunitária e redes de sociabilidade:** entre pares,
influência e experiências vividas

Para onde a roda nos levou? Uma conversa sobre promoção da saúde sexual para populações sexo-dissidentes	RIOS, L. F.; DIAS, J. P. DE S.; LUCKWU, J. H. M.	Ciência & Saúde Coletiva	Narrativas construídas em rodas de conversa; vivências subjetivas e trocas entre pares como estratégias de adesão e informação
Homens que fazem sexo com homens negociando prazer e prevenção a partir da profilaxia pré-exposição ao HIV	COSTA, A. H. C. <i>et al.</i>	Ciência & Saúde Coletiva	
IV. Estigmas, narrativas e representações: a PrEP entre moralidades e disputas simbólicas			
Barriers to pre-exposure prophylaxis (Prep) use for hiv: integrative review	ANTONINI, M. <i>et al.</i>	Revista Brasileira de Enfermagem	
Peças de comunicação governamentais sobre as profilaxias pré (PrEP) e pós-exposição (PEP) ao HIV (2016-2019): análise de seus conteúdos e circulação entre gays, mulheres trans/travestis e trabalhadoras sexuais	MORA, C.; NELVO, R.; MONTEIRO, S.	Saúde e Sociedade	Estigmatização da PrEP; sorofobia nas redes; PrEP vinculada a discursos morais sobre sexualidade e controle social

Fonte: SciELO e Scopus; Produzidos pelos autores (2026).

Comunicação estratégica e políticas públicas: entre silêncios institucionais e iniciativas pontuais

Essa categoria contempla estudos que examinam o papel das políticas públicas e ações estatais na difusão e operacionalização da PrEP como tecnologia de prevenção ao HIV, emergindo falhas estruturais e comunicacionais:

Figura 1

O Brasil sai na frente de novo no tratamento da Aids, oferecendo a Profilaxia Pré-Exposição (PrEP). [#JuntosFizemos](#)



Fonte: X™

O post vinculado na rede social X™, insere-se no campo das iniciativas comunicacionais pontuais promovidas pelo governo brasileiro na divulgação da PrEP como tecnologia de prevenção ao HIV. Utilizando uma linguagem visual fortemente baseada em emojis, a peça busca traduzir, de maneira simplificada, uma equação de cuidado: “acesso ao serviço de saúde + acolhimento + medicação = resulta na prevenção ao HIV, simbolizada pelo laço vermelho”.

Apesar da aparente leveza e objetividade, essa comunicação indica tensões significativas, já descritas na literatura. O artigo de Monteiro e Brigeiro (2019), “Prevenção do HIV/Aids em municípios da Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil: hiatos entre a política global atual e as respostas locais”, evidencia os hiatos entre as diretrizes globais e nacionais de prevenção do HIV/Aids e sua implementação nos territórios. Os autores identificam fragilidades na continuidade das ações educativas, dificuldades de articulação intersetorial e limitações institucionais na organização das respostas locais. Esses achados indicam que os avanços nas diretrizes internacionais e nacionais nem sempre se traduzem em práticas efetivas no nível municipal, revelando desafios estruturais na implementação das políticas de prevenção.

Além disso, a centralidade da dimensão biomédica é evidente. O post comunica que a prevenção é possível, mas exclusivamente medida pela adesão ao medicamento, deslocando o foco das dinâmicas sociais, culturais e afetivas que

também estruturam o risco e a prevenção. De forma similar, Castro et. al. (2024) em “Incorporação da PrEP no Brasil segundo a Teoria Fundamentada em Dados”, apontam para o descompasso entre a normatização da PrEP no SUS e sua efetiva incorporação na prática cotidiana dos serviços. Os autores indicam que a implementação da estratégia ocorre predominantemente a partir de uma lógica biomédica e protocolar, revelando dificuldades institucionais e organizacionais para integrar a prevenção às dinâmicas concretas do cuidado.

Se, por um lado, a adoção de uma linguagem visual simplificada, ancorada nos recursos comunicacionais das redes sociais, busca ampliar o alcance da mensagem, por outro, ela esvazia a potência discursiva da comunicação em saúde. As campanhas oficiais, analisadas no artigo de Lermen et. al. (2020) “Aids em cartazes: representações sobre sexualidade e prevenção da Aids nas campanhas de 1º de dezembro no Brasil (2013-2017)”, indicam mudanças nas representações da prevenção ao HIV nas campanhas do Ministério da Saúde após a adoção da estratégia de prevenção combinada. Os autores observam uma maior ênfase em mensagens relacionadas ao “conheça seu status”, ao teste e às tecnologias biomédicas de prevenção, enquanto aspectos relacionais da negociação do preservativo e abordagens dirigidas a populações específicas tornam-se menos centrais.

No campo das tecnologias digitais, observa-se a utilização de aplicativos móveis como ferramentas educativas em saúde. O artigo “*Effect of mobile application use on knowledge about human immunodeficiency virus among university students*” de Soares, Araújo, Borges, Andrade, Oliveira e Fronteira (2022), demonstrou que o uso do aplicativo “educ@Aids” por estudantes universitários resultou em aumento significativo do conhecimento sobre transmissão, prevenção e tratamento do HIV, indicando o potencial das tecnologias móveis como instrumentos de educação em saúde.

Os textos mobilizados nesta categoria indicam que a comunicação em saúde sobre a prevenção do HIV, incluindo a divulgação da PrEP, permanece fortemente vinculada a estratégias institucionais e biomédicas. Embora haja esforços de simplificação da linguagem para ampliar o alcance das mensagens, observa-se uma ênfase predominante em tecnologias e protocolos de prevenção, enquanto dimensões sociais, relacionais e territoriais do cuidado aparecem de forma menos central. Esses

elementos sugerem desafios na articulação entre políticas de prevenção, práticas comunicacionais e as experiências concretas das populações mais afetadas pela epidemia.

Percepções, saberes e lacunas: o conhecimento sobre a PrEP como marcador de exclusão

Os artigos incluídos nessa categoria investigam o nível de conhecimento da população sobre a PrEP e os fatores que influenciam sua apropriação. São estudos centrados em sujeitos como jovens, estudantes universitários, HSH e usuários da atenção primária, mostrando o desconhecimento generalizado e a persistência de desinformação sobre a PrEP.

O conhecimento sobre a PrEP não circula de forma homogênea entre os diferentes grupos sociais. Acesso desigual à informação, ausência de campanhas permanentes e linguagem técnica distanciada do cotidiano de parte da população colaboram para a exclusão simbólica de sujeitos que não se reconhecem como destinatários dessas políticas. O saber, nesse contexto, se torna um marcador de pertencimento: saber sobre a PrEP é, muitas vezes, um privilégio relacional, cultural e de classe.

Essa exclusão informacional contrasta com postagens que expressam o conhecimento e o engajamento com a política pública de forma entusiasmada e afirmativa. Um exemplo é o tuíte que afirma:

Figura 2

Eu acho ÓTIMO que as gays postam que tomam a prep. É ÓTIMO que se naturalize esse método de prevenção. É ÓTIMO que todo mundo saiba que o Brasil possui essa política incrível de combate ao HIV, disponível pra todo mundo, inclusive os héteros. A prep deve ser um orgulho nacional.

8:26 PM · 15 de dez de 2023 · 11,7 mil Visualizações



Fonte: X™

A postagem destaca-se por mobilizar um discurso de orgulho coletivo em torno da PrEP, enfatizando tanto sua disponibilidade universal no Brasil quanto a importância da visibilidade de seu uso. O(a) autor(a) reforça que a prática da prevenção não deve ser vista como tabu ou segredo, mas como motivo de celebração

pública, inclusive como símbolo de avanço nacional. Essa visão contrapõe-se à desinformação e ao estigma ainda presentes no imaginário social sobre o HIV e seu enfrentamento, mecanismos que, como aponta Foucault (1976), operam como tecnologias de poder ao produzirem saberes normativos sobre os corpos e suas práticas.

Ao defender que “a PrEP deve ser um orgulho nacional”, o(a) autor(a) convoca uma comunidade ampliada de usuários, incluindo pessoas heterossexuais, a se identificarem com a política pública, rompendo com a lógica de que a PrEP seria restrita a determinados grupos. Tal movimento pode ser entendido e compreendido como um ato performativo de reinscrição identitária (Butler, 1990), que desestabiliza fronteiras normativas de pertencimento, ao mesmo tempo que reivindica visibilidade e reconhecimento.

Essa perspectiva contrasta com os limites identificados na literatura científica. O artigo “Uso inconsistente del preservativo masculino en hombres VIH negativos que tienen sexo con hombres” de Sousa et. al. (2023), analisou fatores associados ao uso inconsistente de preservativos entre HSH no Brasil e identificou alta prevalência deste comportamento, relatado por 85% dos participantes. O estudo aponta que a presença de parceiros fixos, determinadas práticas sexuais e histórico de IST’s estão associadas à menor adesão ao preservativo, evidenciando que aspectos relacionais, como confiança e intimidade, influenciam as práticas de prevenção. Esses achados indicam a necessidade de fortalecer estratégias educativas e comunicacionais que favoreçam a negociação e a adoção de práticas preventivas.

A tensão entre esse discurso das redes e o discurso acadêmico/institucional é evidenciada no artigo “*HIV/Aids knowledge among MSM in Brazil: a challenge for public policies*” de Guimarães et. al. (2019), que identificou baixos níveis de conhecimento sobre HIV/Aids entre homens que fazem sexo com homens em 12 cidades brasileiras, com apenas 23,7% apresentando alto nível de conhecimento. Os autores apontam que esse resultado evidencia a necessidade de ampliar políticas públicas de prevenção e estratégias educativas voltadas para essa população, indicando limites das formas atuais de comunicação em saúde para alcançar grupos mais expostos à epidemia.

Essa lacuna é reforçada no artigo “*Factors associated with university students’ knowledge about HIV and pre- and post-exposure prophylaxis*” de Lima et. al. (2024),

que identifica níveis insuficientes de conhecimento sobre HIV, PrEP e PEP entre universitários brasileiros, com apenas 27,8% dos estudantes apresentando conhecimento considerado adequado. O estudo demonstra que esse conhecimento é influenciado por fatores sociodemográficos, educacionais e comportamentais, como idade, área de formação e histórico de testagem para HIV, indicando que o acesso à informação sobre estratégias de prevenção permanece desigual mesmo em contextos de alta escolarização.

Por outro lado, o artigo “Sorofobia relacionada ao HIV e à Aids: o que se debate nas redes sociais digitais no Brasil?” de Joaquim et. al. (2023), evidencia que as redes sociais digitais constituem espaços relevantes de debate público sobre o HIV/Aids, nos quais circulam discursos que expõem processos de estigmatização, discutem direitos das pessoas vivendo com HIV e mobilizam ações de enfrentamento à sorofobia. Esses achados indicam que tais plataformas também funcionam como arenas de disputa simbólica sobre os sentidos sociais atribuídos ao HIV.

A postagem, portanto, representa um contradiscurso que tensiona os limites da comunicação institucional. Ao mobilizar uma linguagem acessível e afetiva, reivindica não apenas o acesso à PrEP, mas o direito de narrar o cuidado em primeira pessoa. Ao invés de se restringir ao dado biomédico, constrói um saber situado (Haraway, 1995), enraizado na experiência, na memória social e na luta por reconhecimento de corpos historicamente marginalizados.

Práticas comunicativas e redes de sociabilidade: entre pares e experiências vividas

Essa categoria engloba estudos que abordam a comunicação sobre a PrEP a partir de formas horizontais de produção de sentido, como rodas de conversa, trocas entre pares, experiências vivenciais e performances afetivas. Essas práticas desafiam o modelo verticalizado e tecnocrático predominante nas campanhas institucionais, ao priorizarem a escuta, a identificação e o reconhecimento mútuo.

Diante da ausência de campanhas contínuas e da linguagem muitas vezes distante, os sujeitos ocupam espaços digitais como o XTM, mobilizando formas próprias de comunicação e cuidado:

Figura 3



A partir desse ano, PrEP (profilaxia pré-exposição para HIV) é para TODO MUNDO que precisa.
Seja cis ou trans, gay, bi ou hétero.

Se há vulnerabilidade maior para o HIV (IST recente, dificuldade com preservativo, situações de violência, uso de drogas) você pode e deve usar.



3:04 PM · 3 de dez de 2022

19

294

1 mil

91

Fonte: X™

A postagem analisada insere-se em práticas comunicativas horizontais que buscam articular afetos, vivências e pertencimento como estratégias de cuidado em saúde. Utilizando a imagem de dois gatinhos sentados lado a lado, simbolizando o preservativo e a PrEP, a publicação cria uma narrativa visual lúdica e acolhedora. Ao lado, um terceiro gato, com expressão julgadora, aparece acompanhado de uma bandeira LGBTQIA+ e um ponto de interrogação, provocando reflexões sobre pertencimento e estigma.

Essa postagem opera em múltiplas camadas de sentido (Vygotsky, 1934/2001). Ao combinar elementos afetivos, simbólicos e culturais com informações técnicas, ela traduz a prevenção como uma prática relacional, ancorada no cuidado mútuo e na escuta, e não apenas na adesão biomédica. A legenda amplia esse entendimento ao afirmar que a PrEP é para “todo mundo que precisa”, incluindo todas as orientações e identidades sexuais, além de situações específicas como ISTs recentes, uso de drogas e violência, reconhecendo, assim, os múltiplos contextos de vulnerabilidade.

Essa forma de comunicação se aproxima das experiências descritas no artigo “Para onde a roda nos levou? Uma conversa sobre promoção da saúde sexual para populações sexo-dissidentes” de Rios, Dias e Luckwu (2024), que analisa uma roda de conversa reunindo profissionais e representantes de instituições que atuam na promoção da saúde sexual de HSH e outras populações sexo-dissidentes na Região Metropolitana do Recife. Nesse espaço, a escuta coletiva e o diálogo entre diferentes atores institucionais assumem papel central na identificação dos desafios que

atravessam o cuidado em saúde sexual, evidenciando o potencial de estratégias participativas e horizontais na promoção da saúde.

De forma semelhante, o artigo “Homens que fazem sexo com homens negociando prazer e prevenção a partir da profilaxia pré-exposição ao HIV” de Costa et. al. (2025), evidencia que as práticas preventivas entre HSH são atravessadas por negociações subjetivas entre prazer, desejo, segurança e percepção de risco. Os autores mostram que o uso da PrEP não se reduz a uma decisão biomédica, mas envolve dimensões relacionais que atravessam as experiências da sexualidade, incluindo o manejo de estigmas ligados tanto à Aids quanto à homossexualidade.

Nesse sentido, a imagem dos gatinhos estabelece uma atmosfera de acolhimento e intimidade, ao mesmo tempo em que o “gato julgador” simboliza as tensões e estigmas que permeiam o uso da PrEP, inclusive entre a própria comunidade LGBTQIA+. Assim, a postagem atua como crítica sutil à moralização do cuidado e ao policiamento das identidades sexuais, abrindo espaço para uma vivência de prevenção menos normativa e mais centrada no desejo e na singularidade.

A escolha da postagem acima se deu pelo seu caráter educativo, sendo essa seguida de outras sete postagens do mesmo autor - com o objetivo de compartilhamento das atualizações acerca da população alvo da PrEP. A postagem gerou comentários interessados nas atualizações da política e reações positivas com endosso ao papel do profissional de saúde na divulgação das informações postas: “Ainda bem que existem pessoas como vc que sabem usar influência e espaço nas redes sociais, parabéns pelo trabalho [clap][clap][clap]”.

A menção ao “uso da influência e espaço” destaca a importância das mídias digitais como ferramentas de disseminação de informação qualificada sobre políticas de saúde, como a PrEP, em contraposição a um ambiente muitas vezes marcado por desinformação e estigmas. O tom elogioso e o uso de emojis reforçam a afetividade e o reconhecimento público, sinalizando como a atuação desses sujeitos comunicadores é percebida positivamente, legitimando seus discursos e ampliando sua potência pedagógica nas plataformas digitais.

Estigmas, narrativas e representações: a PrEP entre moralidades e disputas simbólicas

A última categoria agrupa os estudos que analisam os estigmas sociais e simbólicos que circundam a PrEP, emergindo como o discurso da prevenção pode ser permeado por moralizações, preconceitos e exclusões.

Os artigos “*Barriers to pre-exposure prophylaxis (Prep) use for hiv: An integrative review*” de Antonini et. al. (2023) e “Peças de comunicação governamentais sobre as profilaxias pré (PrEP) e pós-exposição (PEP) ao HIV (2016-2019): análise de seus conteúdos e circulação entre gays, mulheres trans/travestis e trabalhadoras sexuais” de Mora, Nelvo e Monteiro (2022), indicam que, apesar da eficácia da PrEP como tecnologia biomédica de prevenção ao HIV, persistem desafios para sua disseminação e adesão. A revisão integrativa identifica o estigma social e moral associado ao uso da PrEP como uma das barreiras relevantes, enquanto o estudo sobre comunicação governamental aponta limitações nas estratégias institucionais de divulgação da profilaxia entre populações-chave, como HSH, pessoas trans e profissionais do sexo.

Nas redes sociais, a PrEP é alvo de disputas simbólicas intensas, em que diferentes sujeitos projetam valores, julgamentos e afetos sobre seu uso.

Um exemplo potente é a postagem que afirma:

Figura 4

Quando eu vejo gays puritanos criticando quem faz uso de prep
Eu só penso q esse povo nunca conviveu com hetero né
Esses sim são do time só no pelo FC, zero testagem, zero cuidado, zero
responsabilidade
Única preocupação: anticoncepcional, porém exclusiva da mulher

9:16 PM · 23 de mar de 2024 · 18 mil Visualizações

14

49

379

12

Fonte: X™

Esse tuíte expõe, de maneira crítica e irônica, os julgamentos morais internos à própria comunidade LGBTQIA+ em relação ao uso da PrEP, atribuindo a determinados “gays puritanos” uma postura de censura e superioridade moral. Ao mesmo tempo, o(a) autor(a) estabelece um contraponto com a heterossexualidade hegemônica, que, segundo ele(a), apresenta padrões de comportamento marcados por negligência em relação ao cuidado sexual (falta de testagem, ausência de diálogo sobre prevenção, naturalização da responsabilidade reprodutiva feminina). A crítica

irônica contida no post mobiliza o que Scott (1998) denomina de disputa pelo poder de significar, mostrando que os discursos sobre a PrEP não apenas informam, mas estruturam relações de poder e exclusão.

Essa perspectiva é corroborada pelo comentário abaixo, como o relato de uma mulher que justifica sexo desprotegido com o uso de anticoncepcional, enquanto associa IST's exclusivamente à população gay. O comentário escancara uma lógica histórica de estigmatização que remonta aos anos de 1980, quando o HIV/Aids foi racializado, sexualizado e moralizado como um “castigo” direcionado a determinadas populações. A crítica ao duplo padrão de julgamento é evidenciada em comentários como:

“Uma vez, uma colega de trabalho, comentou que dava pra um ficante sem camisinha. Daí eu: Ué, mas vcs não são nem namorados pra tu confia nele assim. Ele deve comer todo mundo sem. Daí ela disse na minha cara: ah não eu uso anticoncepcional. Essas outras doenças só dá em gay”.

A produção do discurso de promiscuidade também surge como elemento central na compreensão do sentido coletivo dado ao uso da PrEP, sendo a negação dos seus benefícios comparada ao discurso anticientífico. Essa lógica estigmatizante é reiterada em outra postagem que afirma:

Figura 5

É difícil você falar sobre Prep até com gays sem ter o estigma do moralismo de que você é depravado ou pervertido, os discursos contra o tratamento assemelham-se aos antivacinas e crentes, imagina quem convive com o HIV.

12:59 PM · 9 de dez de 2020

11

23

241

1

↑

Fonte: X™

O tuíte acima, foi postado em 2020, período em que a política de PrEP ainda era visada apenas para as populações dissidentes (gays e outros homens que fazem sexo com homens [HSH], travestis, transsexuais, usuárias de drogas injetáveis e pessoas privadas de liberdade), ainda prevalece uma narrativa que associa seu uso ao prazer descontrolado e à irresponsabilidade sexual. Tal narrativa reforça a noção de que a política de prevenção seria um “prêmio” indevido concedido a sujeitos desviantes dos padrões morais estruturados e estruturantes na sociedade.

Essa sobreposição entre moralismo e discurso anticientífico também se manifesta em outro tuíte amplamente compartilhado, que critica o fornecimento gratuito de PrEP pelo SUS, contrapondo-o à ausência da vacina contra HPV para mulheres adultas. Ainda que a demanda por vacinação seja legítima, o tuíte opera uma lógica de escassez e competição entre populações vulnerabilizadas, deslocando o foco do debate sobre equidade em saúde para uma vigilância moral dos corpos. Como demonstra Mora *et al.* (2022), essa captura moralizante da política pública impede a construção de discursos afirmativos sobre o cuidado.

Essas tensões são ainda mais evidentes em postagens que expõe o embate entre diferentes propriedades nas políticas públicas de saúde sexual, emergindo como a PrEP é frequentemente interpretada não como uma ferramenta de cuidado coletivo, mas como uma política de incentivo ao sexo irresponsável. Um tuíte amplamente visualizado afirma:

Figura 6

fico pensando que o sus n libera vacina de hpv pra mulheres adultas
mas paga prep pra ficarem transando sem camisinha só pq nao tao
afim.... isso me irrita num nível

diálogo no grindr:

- fode o pelo?
- não
- uso PrEP...

5:58 PM · 29 de mar de 2025 · 2,9 mil Visualizações

62

4 mil

44 mil

1 mil



Fonte: X™

A publicação ironiza o acesso gratuito à PrEP pelo SUS e sugere, com tom de reprovação, que o uso da profilaxia seria motivado unicamente por um desejo de transar sem preservativo, ignorando o contexto da vulnerabilidade social, violência e desigualdades que justificam a política. Essa forma de crítica desconsidera a lógica da prevenção combinada e reforça uma narrativa de julgamento moral, produzindo discursos que operam para deslegitimar o direito ao cuidado de determinados grupos sociais.

A postagem ainda ironiza o uso da PrEP com um diálogo extraído de um aplicativo de encontros gay (*Grindr*®) e reproduzido como ironia - “fode o pelo?” / “não” / “uso PrEP...” -, reduzindo a profilaxia à sua função de dispensa do preservativo e

reforçando a imagem do usuário como irresponsável e promíscuo. Esse tipo de representação simplifica e deslegitima as experiências de cuidado e os sentidos subjetivos que estruturam o uso da PrEP, como apontam Antonini et al. (2023), em revisão integrativa sobre barreiras ao uso da PrEP, identificam o estigma relacionado à sexualidade e ao HIV como uma barreira social presente em mais da metade dos estudos analisados, evidenciando como o julgamento moral em torno da profilaxia - somado a barreiras estruturais de acesso aos serviços de saúde - compromete tanto a adesão quanto a experiência subjetiva de quem utiliza a PrEP.

A postagem teve sessenta e duas respostas, dentre elas, comentários apontando para o teor homofóbico do comentário, outros legitimando a questão posta e outros colocando em perspectiva a política de prevenção: “uma coisa não exclui a outra e isso aí é papo de reaçã aliás a existência da prep diminui os gastos públicos tratando ist, é literalmente mais econômico, então pra além de reaçã tua opinião é desinformada”

A partir dessa multiplicidade de reações, evidencia-se que a saúde sexual permanece como território de disputa entre racionalidades distintas: de um lado, a lógica biomédica e econômica da prevenção; de outro, as resistências simbólicas, fundadas em discursos morais, que produzem exclusão e sofrimento. Essas reações ambíguas - entre ataque homofóbico, crítica informada e defesa tecnocrática - ilustram como o debate público sobre saúde sexual ainda está profundamente atravessado por dispositivos de controle da sexualidade. Foucault (1976) já alertava que o poder não proíbe diretamente, mas “produz saberes, discursos, prazeres”.

Nesse sentido, o direito ao cuidado precisa ser disputado não apenas no campo simbólico, enfrentando os discursos que produzem vergonha, exclusão e sofrimento. A PrEP, enquanto tecnologia de cuidado, é também uma tecnologia de afirmação da vida, cuja legitimidade depende da possibilidade de dissociar o cuidado da punição moral.

A análise dessas representações evidencia a ausência de uma comunicação em saúde que confronte de maneira direta o preconceito, a sorofobia e as narrativas normativas sobre sexualidade. Em vez de campanhas afirmativas e plurais, predominam silêncios institucionais e contradiscursos que emergem da própria comunidade, muitas vezes com ironia, afeto e crítica social, como forma de reivindicar o direito ao cuidado e à existência.

Considerações finais

Este estudo teve como objetivo analisar os sentidos produzidos em torno da profilaxia pré-exposição ao HIV (PrEP) nas interações discursivas da rede social X™ (antigo Twitter), buscando compreender como a prevenção biomédica ao HIV é apropriada, disputada e ressignificada no espaço digital. A análise evidenciou que a circulação de conteúdos sobre a PrEP não se restringe à dimensão informativa e/ou educativa, mas constitui um campo de produção simbólica no qual diferentes atores mobilizam narrativas, afetos e posicionamentos morais sobre sexualidade, risco e cuidado.

Os resultados indicam que, enquanto a literatura científica tende a organizar o debate sobre a PrEP em torno de dimensões epidemiológicas, biomédicas e programáticas, as interações observadas na rede social revelam uma pluralidade de sentidos e experiências que atravessam o cotidiano das populações mais diretamente implicadas na prevenção. As quatro categorias analíticas identificadas - comunicação estratégica e políticas públicas; percepções e lacunas de conhecimento; práticas comunicativas entre pares; e estigmas e disputas simbólicas - demonstram que a circulação social da PrEP é marcada por tensões entre saber técnico, moralidades sociais e vivências subjetivas.

No campo das políticas públicas, observou-se que a comunicação institucional tende a privilegiar abordagens normativas e informativas, frequentemente centradas na eficácia biomédica do medicamento e na responsabilização individual pela prevenção. Embora tais estratégias sejam fundamentais para a disseminação de informações confiáveis, os dados analisados sugerem que esse modelo comunicacional nem sempre dialoga com as experiências concretas de sexualidade, desejo e sociabilidade vividas pelas populações mais vulnerabilizadas à infecção pelo vírus do HIV. Nesse sentido, as interações na rede social demonstram formas alternativas de produção de conhecimento, nas quais humor, ironia, afetividade e identificação entre pares desempenham papel relevante na construção de sentidos sobre a prevenção.

A análise também evidenciou que a PrEP permanece atravessada por estigmas sociais que associam seu uso à promiscuidade, irresponsabilidade sexual ou desconfiança nos relacionamentos - como ilustram as reações ambíguas observadas

nas postagens analisadas, oscilando entre o ataque homofóbico, a crítica informada e a defesa tecnocrática da profilaxia. Tais representações não apenas reforçam processos históricos de moralização da sexualidade, mas também podem atuar como barreiras simbólicas à adesão e à ampliação do acesso à profilaxia. Ao mesmo tempo, os próprios sujeitos mobilizam estratégias discursivas, como humor, memes e narrativas pessoais, para tensionar essas moralidades e reivindicar formas mais livres e afirmativas de viver a sexualidade e o cuidado.

Do ponto de vista teórico, os achados deste estudo reforçam a compreensão da comunicação em saúde como um campo atravessado por relações de poder, disputas de sentido e processos de subjetivação, na esteira das formulações de Foucault (1976) sobre o caráter produtivo do poder e das abordagens críticas da saúde coletiva sobre estigma e prevenção do HIV. Nessa perspectiva, a circulação de discursos sobre a PrEP pode ser compreendida como parte de um conjunto mais amplo de dispositivos que regulam comportamentos, identidades e modos de viver a sexualidade. Ao mesmo tempo, as interações digitais evidenciam que esses dispositivos não operam de forma unidirecional, sendo constantemente apropriados, reinterpretados e contestados pelos próprios sujeitos envolvidos.

Como contribuição para o campo da saúde coletiva e da comunicação em saúde, este estudo evidencia a importância de considerar as redes sociais digitais não apenas como canais de disseminação de informações, mas como arenas de disputa simbólica nas quais se produzem significados sobre prevenção, risco e cuidado. Compreender essas dinâmicas pode contribuir para o desenvolvimento de estratégias comunicacionais mais sensíveis às experiências, linguagens e formas de sociabilidade - incorporando, por exemplo, recursos de humor e narrativas em primeira pessoa que hoje emergem espontaneamente entre pares, mas ainda são pouco explorados pela comunicação institucional.

Por fim, os resultados sugerem a necessidade de ampliar abordagens comunicacionais que integrem dimensões biomédicas, sociais e afetivas da prevenção, reconhecendo que a adesão à PrEP não depende apenas do acesso à tecnologia farmacológica, mas também da forma como ela é simbolicamente interpretada nos contextos sociais e culturais em que circula. Investigações futuras podem aprofundar a análise de outras plataformas digitais e explorar como diferentes grupos sociais negociam sentidos sobre prevenção, prazer e cuidado, contribuindo

para a construção de políticas e práticas de saúde mais inclusivas, dialógicas e culturalmente situadas.

Referências bibliográficas

AKERMAN, Marco. Prefácio. In: BRASIL. Ministério da Saúde. **Monitoramento e avaliação em promoção da saúde**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2023.

Disponível em: https://www.ce.gov.br/cge/wp-content/uploads/sites/5/2025/07/monitoramento_avaliacao_promocao_saude.pdf.

Acesso em: 27 jul. 2026.

ANTONINI, Marcela; SILVA, Ingrid Evangelista da; ELIAS, Henrique Ciabotti.

Barriers to Pre-Exposure Prophylaxis (PrEP) use for HIV: an integrative review.

Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília, DF, v. 76, n. 3, p. e20210963, 2023.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0963pt>. Acesso em: 27 jul. 2026.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel PrEP (Profilaxia Pré-Exposição ao HIV)**.

Brasília, DF: Ministério da Saúde, [2026]. Disponível em: <https://www.gov.br/Aids/pt-br/indicadores-epidemiologicos/painel-de-monitoramento/painel-prep>.

Acesso em: 27 jul. 2026.

BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.

CASTRO, C. DE G. et al.. Incorporação da PrEP no Brasil segundo a Teoria

Fundamentada em Dados. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 34, p. e34010,

2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-7331202434010pt>. Acesso em: 27 jul. 2026.

COSTA, A. H. C. et al.. Homens que fazem sexo com homens negociando prazer e prevenção a partir da profilaxia pré-exposição ao HIV. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 30, n. 1, p. e15242023, jan. 2025.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0963pt>. Acesso em: 27 jul. 2026.

FEUERWERKER, Laura; MERHY, Emerson Elias. Um (breve) debate sobre nosso(s) modo(s) de analisar políticas. In: BERTUSSI, Daniela Cristina et al. (org.).

O cer que precisa ser: os desafios perante as vidas insurgentes. Porto Alegre:

Editora Rede Unida, 2021. Disponível em: <https://editora.redeunida.org.br/wp-content/uploads/2022/05/Livro-O-cer-que-precisa-ser-%E2%80%93-os-desafios-perante-as-vidas-insurgentes.pdf>.

Acesso em: 27 jul. 2026.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

GUIMARÃES, M. D. C. et al.. HIV/Aids knowledge among MSM in Brazil: a challenge for public policies. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 22, p. e190005, 2019.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720190005.supl.1>. Acesso em: 27 jul. 2026.

HALAVAIS, Alexander. Prefácio. In: FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel;



AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos pagu**, n. 5, p. 7-41, 1995.

JOAQUIM, Jhonata de Souza et al. Sorofofia relacionada ao HIV e à Aids: o que se debate nas redes sociais digitais no Brasil? **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 5, p. e05032023, 2024. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/1413-81232024295.05032023>. Acesso em: 27 jul. 2026.

LERMEN, H. S. et al.. Aids em cartazes: representações sobre sexualidade e prevenção da Aids nas campanhas de 1º de dezembro no Brasil (2013-2017).

Interface - Comunicação, Saúde, Educação, v. 24, p. e180626, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.180626>. Acesso em: 27 jul. 2026.

LIMA, A. L. S. et al.. Factors associated with university students' knowledge about HIV and pre- and post-exposure prophylaxis. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 77, p. e20240092, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2024-0092pt>. Acesso em: 27 jul. 2026.

MARTINS, Edna. Famílias e escola em tempos de pandemia: faces das desigualdades educacionais em postagens do Facebook. **Interfaces Científicas - Educação**, Aracaju, v. 8, n. 3, p. 627-643, 2020. Disponível em:

<https://doi.org/10.17564/2316-3828.2020v8n3p627-643>. Acesso em: 27 jul. 2026.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MERHY, Emerson Elias. **Saúde**: cartografia do trabalho vivo. São Paulo: Hucitec, 2005.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.

MONTEIRO, S.; BRIGEIRO, M.. Prevenção do HIV/Aids em municípios da Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil: hiatos entre a política global atual e as respostas locais. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, p. e180410, 2019.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.180410>. Acesso em: 27 jul. 2026.

MORA, C.; NELVO, R.; MONTEIRO, S.. Peças de comunicação governamentais sobre as profilaxias pré (PrEP) e pós-exposição (PEP) ao HIV (2016-2019): análise de seus conteúdos e circulação entre gays, mulheres trans/travestis e trabalhadoras sexuais. **Saúde e Sociedade**, v. 31, n. 4, p. e210855pt, 2022. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S0104-12902022210855pt>. Acesso em: 27 jul. 2026.

OUZZANI, Mourad; HAMMADY, Hossam M.; FEDOROWICZ, Zbys et al. Rayyan - a web and mobile app for systematic reviews. **Systematic Reviews**, [S. l.], v. 5, p. 210, 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27919275/>. Acesso em: 27 jul. 2026.

PROGRAMA CONJUNTO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE HIV/Aids. **O caminho que põe fim à Aids**: Relatório Global do UNAIDS 2023. Genebra: UNAIDS, 2023.

Disponível em: https://UNAIDS.org.br/wp-content/uploads/2023/07/JC3082_GAU2023-

[ExecSumm v2 embargoed PT VF Revisada-EA.pdf](#). Acesso em: 27 jul. 2026.

RIOS, L. F.; DIAS, J. P. DE S.; LUCKWU, J. H. M.. Para onde a roda nos levou? Uma conversa sobre promoção da saúde sexual para populações sexo-dissidentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, n. 9, p. e06162023, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232024299.06162023>. Acesso em: 27 jul. 2026.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal da Saúde. **Boletim Epidemiológico 2026** – HIV/Aids e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). São Paulo: Secretaria Municipal da Saúde, 2026. Disponível em: https://prefeitura.sp.gov.br/documents/d/saude/boletim-epidemiologico-hiv_Aids-2026-pdf. Acesso em: 27 jul. 2026.

SCOTT, Joan Wallach. História das mulheres: novas perspectivas sobre o passado. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1998. p. 391-418.

SINNENBERG, Lauren; BUTTENHEIM, Alison M.; PADREZ, Kevin; MANCHENO, Christina; UNGAR, Lyle; MERCHANT, Raina M. Twitter as a Tool for Health Research: A Systematic Review. **American Journal of Public Health**, [S. l.], v. 107, n. 1, p. e1-e8, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.2105/AJPH.2016.303512>. Acesso em: 27 jul. 2026.

SOARES, Yndiara Kássia da Cunha; ARAÚJO, Telma Maria Evangelista de; BORGES, José Victor Pereira et al. Effect of mobile application use on knowledge about human immunodeficiency virus among university students. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 43, p. e20210230, 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36350963/>. Acesso em: 27 jul. 2026.

SOUSA, L. R. M. et al.. Uso inconsistente del preservativo masculino en hombres VIH negativos que tienen sexo con hombres. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 31, p. e3890, jan. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.6327.3890>. Acesso em: 27 jul. 2026.

YVGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução: Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MEANINGS AND SIGNIFICATIONS OF HEALTH COMMUNICATION ABOUT PREP:

An Analysis of Academic Discourses and the X™ Social Network

Abstract

This article looks at how meanings around HIV Pre-Exposure Prophylaxis (PrEP) circulate in academic discussions about health communication and in posts on the social media platform X (formerly Twitter). Using Lev Vygotsky's distinction between meaning and sense, it treats PrEP as both a biomedical method for HIV prevention, included in Brazil's Unified Health System (SUS) in 2017, and a social object influenced by moral, political, and emotional conflicts. The study combines a review of studies published from 2017 to 2025 (from SciELO and Scopus) with a qualitative analysis of public posts on X. The results show a conflict between the scientific stabilization of meanings and the diverse interpretations that emerge online, which include stigmatization and debates about identities, as well as community responses. It suggests that health communication acts as a form of governing and shapes how people see themselves, so approaches must consider the dynamics of meaning-making and the inequalities that affect access to care.

Keywords

PrEP; Health communication; Meaning and significance; Social media.

Agradecimentos: Não se aplica.

Agência financiadora: Não se aplica.

Contribuições das pessoas autoras: GSB contribuiu com o desenho e escrita do rascunho original, coleta e análise de dados e revisão final; LTQS contribuiu com o desenho e escrita do rascunho original, coleta e análise de dados e revisão final; FEBM contribuiu com o desenho do rascunho original, coleta de dados e revisão final.

Aprovação por Comitê de Ética e consentimento para participação: Não se aplica.

Conflito de interesses: Declara-se que não há conflito de interesses.

Declaração de utilização de Inteligência Artificial: Declara-se a inexistência de utilização de ferramentas de IA.

Pessoa autora correspondente: Gabriel da Silva Brito; Universidade de São Paulo; E-mail: g.brito@usp.br

Recebido em: 03/06/2025

Aceito em: 01/07/2026